

Propriedades psicométricas da Escala de Percepção do Funcionamento Parental – Mãe e Pai¹

Alice Amélia de Freitas Pereira²

Universidade do Porto, Portugal / Instituto Universitário da Maia, Portugal

Maria Barbosa-Ducharme, Pedro M. Teixeira

Universidade do Porto, Portugal

RESUMO

Este estudo tem como objetivo validar, em uma população portuguesa jovem, a Escala de Percepção de Funcionamento Parental (EPFP) desenvolvida com base na versão espanhola *Estilos Educativos Materno y Paterno*. Seiscentos e cinco participantes, equitativamente divididos pelos dois sexos, responderam à EPFP. A estrutura fatorial original composta por seis dimensões foi adaptada, com a remoção de alguns itens, tendo apresentado bons índices de ajustamento (análise fatorial confirmatória) e valores de consistência variando entre $\alpha=0,81$ e $0,95$. Apesar de significativamente correlacionadas, verificaram-se diferenças importantes entre as percepções relativas às dimensões do funcionamento materno e paterno. As mães são consideradas mais afetuosas e comunicativas, promotoras da autonomia, confidentes, bem-humoradas e menos controladoras. A EPFP se revelou um instrumento válido e fidedigno na avaliação do funcionamento parental, através da percepção dos filhos.

Palavras-chave: validade dos testes; educação; relações pais-filhos; adolescente.

ABSTRACT – Psychometric properties of the Parental Functioning Perception Scale – Mother and Father

This study aimed to validate the Parental Functioning Perception Scale – Mother and Father (EPFP), as the Portuguese language version of the Spanish scale *Estilos Educativos Materno y Paterno* (Maternal and Paternal Educational Styles). A sample of 605 college students participated, equally divided by gender, who responded to the EPFP regarding the two parental figures. The original factorial structure (which was composed of six dimensions, adapted, with some items removed), showed good adjustment indexes (confirmatory factor analysis) and acceptable internal consistency values ranging from $\alpha=0.81$ to 0.95 . Despite being significantly correlated, statistically significant differences were found between the perceptions of the dimensions of maternal and paternal parental functioning. Mothers were considered to be more affectionate, communicative, good-humored and trustworthy, while encouraging autonomy, and less controlling than fathers. The EPFP proved to be a valid and reliable instrument in the assessment of the adolescents' perception of maternal and paternal parental functioning.

Keywords: test validity; education; parent-child relations; adolescents.

RESUMEN – Propriedades psicométricas de la Escala de Percepción del Funcionamiento Parental – Madre y Padre

Este estudio tuvo como objetivo validar la Escala de Percepción del Funcionamiento Parental (EPFP) en una población portuguesa joven, desarrollada a partir de la versión española de *Estilos Educativos Materno y Paterno*. Participaron en el estudio 605 jóvenes, de los dos sexos, que contestaron a la EPFP para las dos figuras parentales. La estructura factorial original (seis dimensiones) fue adaptada con la retirada de algunos ítems, habiendo presentado buenos índices de ajustamiento (análisis fatorial confirmatória), con apropiados valores de consistencia interna ($\alpha=0,81$ a $\alpha=0,95$). A pesar de significativamente correlacionadas, se han comprobado diferencias significativas entre las percepciones relativas a las dimensiones del funcionamiento materno y paterno. Las madres fueron consideradas más afectuosas y comunicativas, promotoras de autonomía, confidentes, de buen humor y menos controladoras. La EPFP se mostró un instrumento válido y confiable en la evaluación de la percepción que los adolescentes tienen del funcionamiento parental.

Palabras clave: validez de las pruebas; educación; relaciones padres-hijos; adolescente.

Kurt Lewin (1892-1947) afirmou que a família é um importante campo interpessoal, sendo mesmo o contexto mais importante de socialização nos primeiros anos de vida. É em família que as crianças adquirem competências

fundamentais para a vida, as quais lhes permitem conquistar a autonomia (Torío, Peña, & Rodríguez, 2008), estimular a curiosidade e buscar a independência necessárias para a construção da sua personalidade e de suas

¹ Este estudo faz parte da investigação "Determinantes familiares da vivência da sexualidade em jovens universitários", mais abrangente, conduzida no âmbito do doutoramento em psicologia do 1º autor.

² Endereço para correspondência: Instituto Universitário da Maia, Av. Carlos Oliveira Campos, Castelo da Maia, 4475-690, S. Pedro de Avioso, Portugal. E-mail: afpereira@docentes.ismai.pt

primeiras relações sociais. A forma como cada família reage às transformações dos filhos e as estratégias educativas que considera apropriadas e desejáveis poderão, assim, influenciar no desenvolvimento e na integração social das crianças e adolescentes.

Essas estratégias abarcam várias dimensões, como o afeto, a comunicação, o apoio e o controle. Quando combinadas entre si, permitem a identificação de estilos parentais que se traduzem em diferentes formas de atuação perante as crianças nas situações do cotidiano, como por exemplo, tomada de decisões e resolução de conflitos (Torío et al., 2008). Os estilos parentais têm um impacto nos filhos (Magalhães, Alvarenga, & Teixeira, 2012) que não se esgota na infância, mas que se prolonga em outras etapas da vida (Rothrauff, Cooney, & An, 2009; Tório et al., 2008), repercutindo-se na educação das gerações seguintes (Oliveira et al., 2002).

Os estudos sobre estilos educativos parentais começaram em meados do século passado, com uma abordagem tipológica e classificatória (p.e. Baumrind, em 1968; Maccoby & Martin em 1983) à qual foi, posteriormente, acrescentada uma abordagem dimensional (p.e. Cruz et al., 2011; Oliva, Parra, Sanchez-Queija, & López, 2007). No estudo clássico de Diana Baumrind (1968), foram identificados três estilos de funcionamento parental: democrático, autoritário e permissivo. Por sua vez, Maccoby e Martin (1983) acrescentaram um quarto estilo educativo - o estilo negligente. Cada um foi definido tendo em conta duas dimensões do funcionamento parental: o afeto (ou a responsividade) e o controle (ou a supervisão). No entanto, segundo Torío et al. (2008), apenas podemos falar de estilos educativos predominantes (ou tendências globais de comportamento).

Numa abordagem dimensional além das referidas dimensões da perspectiva tipológica, são consideradas dimensões relacionadas com o ajustamento psicológico e a competência dos filhos, como o tipo de controle, o humor e a interação entre as dimensões. Nesse tipo de abordagem, mais importante do que saber se os pais têm certo estilo educativo, é perceber como se caracterizam as relações entre pais e filhos em dimensões associadas a interações de qualidade (Oliva et al., 2007; Tório et al., 2008). É unanimemente reconhecido que o afeto e a comunicação são fundamentais para o ajustamento psicológico dos adolescentes (Galambos, Barker, & Almeida, 2003; Parra, Oliva, & Sanchez-Queija, 2004). Contudo, Oliva et al. (2007) salientam a importância de distinguir os diversos constituintes subjacentes e seus efeitos. A maioria dos instrumentos de avaliação do controle parental avalia unicamente a monitorização e o conhecimento acerca das atividades, amigos e lugares frequentados pelos seus filhos (Oliva et al., 2007). Kerr e Stattin (2000) acrescentam a importância de considerar os métodos utilizados pelos pais para acederem a essa informação, os quais podem incluir a revelação espontânea (que parece mais relacionada com um melhor ajustamento

comportamental dos filhos) ou os esforços ativos dos pais (os quais chegam a mostrar uma associação positiva com alguns índices de ajustamento negativo). Deve-se ainda considerar o possível papel moderador que o afeto pode exercer na relação entre controle e ajuste psicológico. O controle exercido num contexto caracterizado pelo afeto e comunicação tem impacto mais positivo no bem-estar psicológico dos filhos (Oliva et al., 2007). Segundo autores, ainda deverá ser feita distinção entre controle comportamental e psicológico, pois apresentam associações diferentes a problemas emocionais (Barber & Harmon, 2002; Oliva et al., 2007).

Deve-se notar que as abordagens tipológicas e dimensionais se complementam, reforçando a relação entre o funcionamento parental e o bem-estar dos filhos (Oliva et al., 2007), o desenvolvimento de competências sociais e cognitivas, autonomia, criatividade, afetividade, persistência, comunicação assertiva, interiorização de valores morais, vitalidade, aceitação de direitos e deveres (Maccoby & Martin, 1983), autoestima (Maccoby & Martin, 1983; Milevski, Schlechter, Netter, & Keehn, 2007; Parra et al., 2004; Reina, Oliva, & Parra, 2010), maturidade (Maccoby & Martin, 1983; Steinberg, Blatt-Eisengart, & Cauffman, 2006), decisão vocacional (Magalhães et al., 2012), empatia e resistência à pressão de pares (Steinberg et al., 2006), rendimento escolar (Prata, Barbosa-Ducharme, Gonçalves, & Cruz, 2013) e êxito pessoal (Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dornbush, 1991; Maccoby & Martin, 1983; Sapienza, Aznar-Farias, & Silveiras, 2009). O funcionamento parental tem sido também associado à agressividade (Maccoby & Martin, 1983) e ao estilo de vida mais ou menos saudável dos filhos (Baumrind, 1991; Berge, Wall, Loth, & Neumark-Sztainer, 2009; Lamborn et al., 1991; Jáuregui, Bolaños, & Casals, 2011; Maccoby & Martin, 1983; Rodrigo, et al., 2004).

O funcionamento parental é modelado pelo momento evolutivo da família (Torío et al., 2008) e pelas características de cada filho - idade, sexo, posição na família, aparência física, comportamento atual e passado, inteligência, saúde - reforçando o efeito bidirecional da influência na relação pais-filhos (Kerr & Stattin, 2012). Em outras palavras, o funcionamento parental irá influenciar o desenvolvimento dos filhos, os quais, por sua vez, irão influenciar o funcionamento parental.

Os estudos acerca do funcionamento parental têm sido alvo de críticas. Uma das principais críticas se refere à inclusão do funcionamento materno e paterno numa categorização única de funcionamento parental (como acontece, por exemplo, com o QEEP, Barbosa-Ducharme, Cruz, Marinho, & Grande, 2006; Cruz et al., 2011). Para além de os funcionamentos parentais da mãe e do pai poderem ser diferentes (Oliva et al., 2007), os efeitos de cada um no desenvolvimento dos filhos poderão igualmente ser distintos (Milevski et al., 2007), sendo fundamental que sejam avaliados separadamente.

Uma outra crítica diz respeito à utilização dos próprios pais como fonte de informação. O recurso aos adolescentes como informantes tem revelado maior objetividade e menor efeito da desejabilidade social (Gonzalez, Cauce, & Mason, 1996), assim como maior acessibilidade, resultante da escolarização (Oliva et al., 2007). No entanto, porque a integração de adolescentes carece de consentimento dos pais, é provável que pais com práticas educativas inadequadas não autorizem a participação dos filhos, perdendo-se testemunhos valiosos (Milevski et al., 2007).

Tendo em vista essas críticas, Oliva et al. (2007) desenvolveram uma escala de estilos educativos (materno y paterno), de avaliação da percepção que os filhos adolescentes têm do funcionamento parental, solicitando respostas separadas para o pai e para a mãe. Essa escala é constituída por seis fatores relativos às dimensões “afeto e comunicação”, “promoção da autonomia”, “controle comportamental”, “controle psicológico”, “revelação” e “humor”, num total de 41 itens, apresentando, na sua forma original, características psicométricas adequadas.

No panorama português, os estudos da percepção dos filhos adolescentes acerca do funcionamento parental recorreram ao QEEP (cf. Barbosa-Ducharme et al., 2006; Cruz et al., 2011; Prata et al., 2013), validado para a população portuguesa. No entanto, o QEEP apenas aborda duas dimensões (responsividade e exigência) e, apesar de ter itens relativos a cada progenitor, os itens são combinados, não permitindo uma percepção diferenciada.

Por conseguinte, foi considerado fundamental desenvolver um instrumento que não só fosse válido para a população-alvo (Kobarg, Vieira, & Vieira, 2010), com o acesso ao ponto de vista dos filhos, mas que igualmente permitisse avaliar as dimensões que a literatura associa ao desenvolvimento de crianças e adolescentes e que distinguisse o funcionamento materno e paterno.

O objetivo deste trabalho é, assim, evidenciar as propriedades psicométricas da versão portuguesa da escala “estilos educativos materno y paterno” de Oliva et al. (2007), validando a escala de percepção do funcionamento parental (EPFP) na adolescência, com população jovem universitária. Pretende-se contribuir para a elaboração de um instrumento válido de avaliação do funcionamento parental com abordagem multidimensional, suscetível de ser utilizado no contexto da investigação e da prática psicológica em Portugal.

Método

Participantes

Participaram do estudo 605 jovens, entre 18 e 25 anos ($\bar{X}=20,48$, $DP=1,84$), 50,1% ($n=303$) do sexo feminino e 49,9% ($n=302$) do sexo masculino. Eram estudantes universitários de quatro instituições de ensino superior do Norte e Centro de Portugal, sendo (94,7%)

de instituições privadas, dos cursos de Educação Física e Desporto (57,9%), Psicologia (31,7%), e outros (Gestão de Recursos Humanos, Relações Públicas, Aconselhamento Psicossocial, Direito e Ciências da Educação – num total de 10,5%). A quase totalidade (92,7%, $n=561$) frequentava o 1º ciclo – licenciatura, enquanto os restantes frequentavam o 2º ciclo – mestrado.

Instrumento

A escala Estilos Educativos Materno y Paterno, desenvolvida por Oliva et al. (2007), para a população espanhola, pretende avaliar a percepção dos filhos sobre diversas dimensões do funcionamento parental. É constituída por 41 questões, respondidas separadamente para o pai e para a mãe, de acordo com escala tipo Likert, em seis classes, desde “totalmente em desacordo” (1) até “totalmente de acordo” (6).

Os resultados correspondem a percepções relativas a seis dimensões: “afeto e comunicação” mede a abertura, o calor e apoio parentais (oito itens, por exemplo, “Se eu tivesse algum problema, podia contar com o meu pai/mãe”); a “promoção da autonomia”, relativa ao encorajamento da independência (oito itens, por exemplo, “Encorajava-me a tomar as minhas próprias decisões”); o “controle comportamental”, avaliando o estabelecimento de limites e monitorização das atividades dos filhos (seis itens, por exemplo, “Colocava limites quanto à hora em que eu devia chegar a casa”); o “controle psicológico”, referente à manipulação parental dos sentimentos e pensamentos dos filhos (oito itens, por exemplo, “Tentava controlar continuamente a minha forma de ser e de pensar”); a “revelação”, relativa à revelação voluntária, dos filhos aos pais, de aspectos relacionados com as suas atividades e as suas amizades (5 itens, por exemplo, “Contava-lhe o meu desempenho nas diferentes disciplinas, mesmo que não me perguntasse”); e o “humor”, que mede o otimismo e sentido de humor percebido sobre os pais (seis itens, por exemplo, “Quase sempre era uma pessoa alegre e otimista”).

A cotação é feita para cada fator, correspondendo à pontuação média dos itens que o constituem: valores mais elevados significam maior percepção desse fator na relação com os pais, enquanto valores mais baixos significam menor percepção.

A estrutura fatorial foi adequada, seja relativamente à percepção de funcionamento parental materno ($\chi^2(763)=1860,30$, $p<0,001$; $RMSEA=0,041$; $CFI=0,918$) seja relativamente à percepção de funcionamento parental paterno ($\chi^2(763)=1716,84$, $p<0,001$; $RMSEA=0,039$; $CFI=0,905$) (Tabela 1). Na Tabela 2, encontram-se as cargas fatoriais da percepção do funcionamento parental. Relativamente à mãe, variaram entre 0,76 (“controle comportamental”) e 0,88 (“afeto e comunicação”). No que diz respeito ao pai, as cargas fatoriais variaram entre 0,78 (“controle comportamental”) e 0,90 (“afeto e comunicação”).

Procedimentos

Os dados foram recolhidos no contexto escolar, para um projeto de investigação mais amplo. Os estudantes universitários participaram voluntariamente após se informarem sobre os objetivos da investigação. A proposta era que relembassem sua relação com pai e mãe quando tinham entre 13 e 15 anos. Este estudo foi conduzido de acordo com as orientações éticas e em conformidade com os regulamentos nacionais e europeus sobre pesquisa com participantes humanos e gestão de dados pessoais. Foi, ainda, aprovado pela comissão de ética da instituição a que pertencem os investigadores.

Análise de Dados

Os dados obtidos passaram por análise fatorial confirmatória em AMOS (v. 20, SPSS). Para avaliar o ajuste do modelo, foi utilizada a estatística de qui-quadrado, o erro quadrático médio de aproximação (RMSEA, Steiger, 1990), o índice de Tucker-Lewis (TLI, Tucker & Lewis, 1973), o índice de ajustamento normalizado (NFI, Bentler, 1990), e o índice de ajuste comparativo (CFI, Bentler, 1990). Os critérios de corte utilizados neste estudo seguem os índices aceitos na literatura recente: os valores de RMSEA <0,05 indicam excelente ajuste e valores $\leq 0,10$ indicam ajuste aceitáveis; valores de TLI >0,90 indicam ajuste aceitável; valores NFI >0,95 indicam excelente ajuste e valores $\geq 0,90$ indicam bom ajuste; os valores CFI perto de 0,95 indicam excelente ajuste e valores >0,90 indicam bom ajuste (Bentler,

2007; Chen, Curran, Bollen, Kirby, & Paxton, 2008; Fan & Sivo, 2007). A fiabilidade dos fatores foi analisada com a medida de alfa de Cronbach, sendo que valores superiores a 0,70 são considerados para representar a medição de confiabilidade do fator.

As correlações entre dimensões foram calculadas pelo coeficiente de Pearson. As diferenças entre as percepções relativas à mãe e ao pai foram calculadas pelo *test t* de-Student para amostras emparelhadas, e as diferenças associadas ao sexo foram calculadas pelo *test t* de Student para amostras independentes.

Resultados

Análise Fatorial Confirmatória (AFC)

Na análise fatorial confirmatória efetuada (feita separadamente para o pai e para a mãe), itens foram eliminados por não contribuírem para boa solução fatorial: 12, 13, 15, 22 e 23, no caso da versão materna e 12, 13, 22, e 23, no caso da versão paterna. As soluções fatoriais finais apresentavam cargas fatoriais superiores a 0,50, tanto na percepção de funcionamento parental materno ($\chi^2_{(579)}=1914,96$, $p<0,001$; RMSEA=0,062, 90% C.I. [0,059; 0,065]; CFI=0,917; NFI=0,885; TLI=0,904), quanto na percepção de funcionamento parental paterno ($\chi^2_{(614)}=2059,70$, $p<0,001$; RMSEA=0,064, 90% C.I. [0,059; 0,065]; CFI = 0,920; NFI = 0,892; TLI = 0,909). Na Tabela 1, encontram-se os principais índices de ajustamento disponíveis relativos à escala original (Oliva et al., 2007) e aos calculados neste estudo.

Tabela 1

Dimensões do Funcionamento Parental (Materno/Paterno) Percebidas – Índices de Ajustamento (Versão Original e Versão Portuguesa)

	χ^2		gl		RMSEA		CFI	
	Orig.	Port.	Orig.	Port.	Orig.	Port.	Orig.	Port.
Materno	1860,30*	1914,96*	763	579	0,041	0,062	0,918	0,917
Paterno	1716,84*	2059,70*	763	614	0,039	0,064	0,928	0,920

* $p<0,001$.

A análise da consistência interna da percepção relativa ao funcionamento parental, tanto materno como paterno, não levou à eliminação de mais itens (valores entre $\alpha=0,81$ e $\alpha=0,95$). Na Tabela 2, encontram-se os valores de consistência interna da versão original e da versão deste estudo, para cada dimensão de percepção de funcionamento parental, materno e paterno. Como se pode verificar, os valores de alfa de Cronbach são melhores que os da escala original.

A análise de correlações entre os fatores em cada escala (Tabela 3) revelou correlações altamente significativas ($p<0,001$). A exceção foi a correlação entre o “controle psicológico” e o “controle comportamental”

no funcionamento parental materno, com significância de 0,017. Esses valores são semelhantes aos encontrados no estudo original. Como na escala original, o “controle psicológico”, tanto materno como paterno, exibe correlações negativas com as outras dimensões consideradas, exceto com o “controle comportamental”, com o qual apresenta correlações positivas fracas.

Desta forma, os fatores a considerar na versão portuguesa são todos os da escala original, mas com composição ligeiramente diferente (Tabela 4). As versões materna e paterna são ligeiramente diferentes, especificamente no que diz respeito ao fator 4 (controle psicológico).

Tabela 2

Dimensões de Funcionamento Parental (Materno/Paterno) Percebidas – Fiabilidade das Dimensões (Versão Original e Versão Portuguesa)

	Original		Portuguesa	
	Materno	Paterno	Materno	Paterno
1. Afeto e comunicação	0,88	0,90	0,94	0,95
2. Promoção da autonomia	0,83	0,83	0,93	0,94
3. Controle comportamental	0,76	0,78	0,81	0,86
4. Controle psicológico	0,80	0,80	0,88	0,90
5. Revelação	0,83	0,85	0,90	0,92
6. Humor	0,82	0,82	0,92	0,93

Tabela 3

Correlações Entre as Dimensões de Funcionamento Materno e Entre as Dimensões de Funcionamento Paterno

	1	2	3	4	5	6
1. Afeto e comunicação						
Original	1	0,74***	0,39***	-0,37***	0,66***	0,73***
Portuguesa	1	0,74***	0,46***	-0,31***	0,73***	0,80***
2. Promoção da autonomia						
Original	0,72***	1	0,32***	-0,40***	0,51***	0,63***
Portuguesa	0,64***	1	0,34***	-0,37***	0,67***	0,76***
3. Controle comportamental						
Original	0,26***	0,22***	1	0,19***	0,41***	0,24***
Portuguesa	0,28***	0,22***	1	0,19***	0,43***	0,36***
4. Controle psicológico						
Original	-0,39***	-0,44***	0,29***	1	-0,25***	-0,50***
Portuguesa	-0,37***	-0,39***	0,10	1	-0,26***	-0,37***
5. Revelação						
Original	0,60***	0,50***	0,30***	-0,25***	1	0,55***
Portuguesa	0,62***	0,60***	0,32***	-0,25***	1	0,68***
6. Humor						
Original	0,76***	0,63***	0,09	-0,54***	0,52***	1
Portuguesa	0,77***	0,70***	0,25***	-0,40***	0,61***	1

Nota. Correlações entre as dimensões maternas na parte inferior da diagonal; correlações entre as dimensões paternas na parte superior da diagonal; * $p < 0,05$; *** $p < 0,001$.

Tabela 4

Constituição dos Fatores na Versão Original e na Portuguesa

	Original	Portuguesa
Afeto e comunicação ^a	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
Promoção da autonomia ^a	23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30	24, 25, 26, 27, 28, 29, 30
Controle comportamental ^a	9, 10, 11, 12, 13, 14	9, 10, 11, 14
Controle psicológico		
Mãe	15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22	16, 17, 18, 19, 20, 21
Pai	15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22	15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
Revelação ^a	37, 38, 39, 40, 41	37, 38, 39, 40, 41
Humor ^a	31, 32, 33, 34, 35, 36	31, 32, 33, 34, 35, 36

^a Constituição idêntica na escala relativa ao pai e à mãe.

Comparação entre Funcionamento Parental Materno e Paterno

Os dados de cada dimensão para a amostra global e para cada sexo se encontram na Tabela 5. No caso do funcionamento parental materno, considerando a amostra global, a dimensão com valores mais elevados é o “afeto e comunicação” ($\bar{X}=5,22$; $DP=0,91$), seguida pelo “controle comportamental” ($\bar{X}=5,07$; $DP=0,97$). A que

apresenta valores mais baixos é o “controle psicológico” ($\bar{X}=2,63$; $DP=1,23$). Já no caso do funcionamento parental paterno, a dimensão com valores mais elevados é o “controle comportamental” ($\bar{X}=4,78$; $DP=1,24$), seguida pelo “afeto e comunicação” ($\bar{X}=4,66$; $DP=1,19$) e “humor” ($\bar{X}=4,66$; $DP=1,16$). A que apresenta valores mais baixos é, como no caso materno, o “controle psicológico” ($\bar{X}=2,67$; $DP=1,25$).

Tabela 5
Estatísticas Descritivas das Dimensões do Funcionamento Materno e Paterno

	N			M(DP)		
	T=605	n _f =303	n _m =302	Tot.	Fem.	Masc.
Afeto/comunicação						
Mãe	596	297	299	5,22 (0,91)	5,24 (0,94)	5,20 (0,87)
Pai	575	286	289	4,66 (1,19)	4,67 (1,26)	4,65 (1,12)
Promoção autonomia						
Mãe ^a	587	297	290	4,68 (1,09)	4,80 (1,12)	4,56 (1,04)
Pai	563	282	281	4,47 (1,23)	4,54 (1,27)	4,48 (1,18)
Controle comport.						
Mãe ^b	592	296	296	5,07 (0,97)	5,21 (0,89)	4,93 (1,03)
Pai ^c	574	285	289	4,78 (1,24)	4,93 (1,24)	4,64 (1,22)
Controle psicológico						
Mãe ^d	576	290	286	2,63 (1,23)	2,48 (1,27)	2,78 (1,18)
Pai ^e	554	278	276	2,67 (1,25)	2,48 (1,24)	2,87 (1,23)
Revelação						
Mãe ^f	591	294	297	4,27 (1,27)	4,80 (1,20)	3,95 (1,25)
Pai ^g	572	283	289	3,72 (1,37)	3,92 (1,37)	3,54 (1,36)
Humor						
Mãe	588	291	297	4,91 (0,96)	4,90 (1,00)	4,92 (0,92)
Pai	564	281	283	4,66 (1,16)	4,67 (1,20)	4,65 (1,14)

Nota. Diferenças significativas entre os dois sexos: ^at=2,71 (585), $p=0,007$; ^bt=3,65 (590), $p=0,000$; ^ct=2,81 (572), $p=0,005$; ^dt=-2,90 (574), $p=0,004$; ^et=-3,72 (552), $p=0,000$; ^ft=6,41 (589), $p=0,000$; ^gt=2,71 (585), $p=0,001$.

Verificaram-se diferenças significativas associadas ao sexo nas dimensões “promoção da autonomia”, apenas relativamente à mãe, “controle comportamental”, “controle psicológico” e “revelação”, tal como se pode verificar nas notas da Tabela 5, com os participantes do sexo feminino a apresentarem valores mais elevados, com exceção da dimensão “controle psicológico”. No entanto, a forma como as dimensões aparecem ordenadas, nos dois sexos, é muito semelhante à da amostra global.

Existem ainda diferenças significativas entre todas as dimensões da percepção do funcionamento parental materno e paterno, seja nos participantes do sexo feminino, seja nos participantes do sexo masculino (Tabela 6), com valores mais elevados na percepção relativa à mãe. A única exceção é a percepção de “controle psicológico”,

que apenas apresenta diferenças nos participantes do sexo masculino ($t(270)=-2,10$, $p=0,037$), com a mãe ($\bar{X}=2,74$, $DP=1,16$) a ser percebida como exercendo menor controle psicológico do que o pai ($\bar{X}=2,84$, $DP=1,23$).

Apesar dessas diferenças, as dimensões maternas se correlacionam significativamente com as correspondentes dimensões paternas (Tabela 7), com valores que variam entre 0,45 (afeto e comunicação) e 0,68 (controle psicológico). Todas as dimensões maternas e paternas estão também correlacionadas significativamente entre si ($p<0,001$), com exceção das dimensões “controle psicológico materno” e “controle comportamental paterno”. Essas correlações são, na maior parte dos casos, superiores às correlações da versão original.

Tabela 6

Diferenças Significativas entre Percepção Relativa às Dimensões do Funcionamento Parental Materno/Paterno, Geral e por Sexo

	N	M (DP)		t-Student (gl)
		Materno	Paterno	
Afeto e comunicação	572	5,22 (0,91)	4,67 (1,18)	11,72 (571)***
Participantes femininos	284	5,24 (0,93)	4,69 (1,24)	7,59 (283)***
Participantes masculinos	288	5,19 (0,88)	4,65 (1,12)	9,25 (287)***
Promoção da autonomia	560	4,66 (1,09)	4,47 (1,23)	4,66 (559)***
Participantes femininos	281	4,79 (1,12)	4,55 (1,27)	3,47 (280)***
Participantes masculinos	279	4,54 (1,05)	4,40 (1,18)	3,24 (272)***
Controle comportamental	568	5,09 (0,97)	4,78 (1,24)	6,69 (567)***
Participantes femininos	282	5,25 (0,85)	4,94 (1,23)	4,57 (281)***
Participantes masculinos	286	4,93 (1,04)	4,63 (1,22)	4,92 (285)***
Controle psicológico	548	2,62 (1,23)	2,66 (1,24)	-1,076 (547) ^{n.s.}
Participantes femininos	277	2,49 (1,28)	2,48 (1,24)	0,20 (276) ^{n.s.}
Participantes masculinos	271	2,74 (1,16)	2,84 (1,23)	-2,10 (270)*
Revelação	568	4,27 (1,27)	3,73 (3,92)	11,706 (567)***
Participantes femininos	281	4,59 (1,20)	3,92 (1,37)	9,14 (280)***
Participantes masculinos	287	3,95 (1,26)	3,55 (1,35)	7,46 (286)***
Humor	561	4,91 (0,97)	4,66 (1,16)	5,29 (560)***
Participantes femininos	279	4,90 (1,01)	4,67 (1,20)	3,08 (278)**
Participantes masculinos	282	4,91 (0,93)	4,66 (1,13)	4,79 (281)***

* $p < 0,050$, ** $p < 0,010$, *** $p < 0,001$.

Tabela 7

Correlações entre a Percepção das Dimensões do Funcionamento Materno e Paterno

	1. Pai	2. Pai	3. Pai	4. Pai	5. Pai	6. Pai
1. Afeto e comunicação – mãe	0,45**	0,35**	0,16**	-0,20**	0,40**	0,37**
2. Promoção da autonomia – mãe	0,35**	0,66**	0,14**	-0,26**	0,42**	0,39**
3. Controle comportamental – mãe	0,13**	0,15**	0,53**	0,04	0,21**	0,18**
4. Controle psicológico – mãe	-0,22**	-0,26**	0,04	0,68**	-0,18**	-0,19**
5. Revelação – mãe	0,33**	0,35**	0,22**	-0,15**	0,67**	0,31**
6. Humor – mãe	0,40**	0,42**	0,17**	-0,22**	0,42**	0,50**

** $p < 0,01$.

Discussão

Os resultados da AFC indicaram bom ajuste do modelo, mantendo as seis dimensões da escala original, apesar da eliminação de alguns itens. As modificações realizadas tiveram como objetivo validar a escala em contexto português. O fato de as estruturas fatoriais das duas percepções de funcionamento parental (materno e paterno) serem muito semelhantes atesta a consistência do modelo teórico multidimensional.

Verificou-se ainda que a pontuação em cada dimensão foi, no geral, mais elevada na percepção do estilo parental materno do que na do paterno, corroborando estudos segundo os quais os adolescentes consideram que suas mães, comparadas a seus pais, são mais envolvidas,

afetuosas, bem-humoradas, promovem mais sua autonomia e são mais procuradas para conversar sobre assuntos pessoais (Oliva et al., 2007). No entanto, apesar das diferenças, salienta-se a coincidência entre as percepções dos funcionamentos parentais materno e paterno, como se pode deduzir das correlações médias/altas entre as dimensões correspondentes, o que leva a crer que, tal como referem Oliva et al. (2007), os casais tendem a partilhar valores e metas educativas. Mesmo assim, os casais devem ser avaliados separadamente, já que um mesmo funcionamento materno e paterno poderá ter consequências diferentes no desenvolvimento dos filhos (Milevski et al., 2007).

Este estudo apresenta uma limitação que vale ser ressaltada. O fato de recorrer a amostra de conveniência

impede que se extrapolem os resultados para a população portuguesa. Seria importante, assim, reproduzir este estudo com amostra efetivamente representativa para analisar a estabilidade da estrutura fatorial encontrada.

A EPFP se mostra, apesar dessa limitação, um instrumento válido e fundamental para conhecer a realidade em que se pretende intervir, por quatro razões: primeiro, porque a orientação é multidimensional, o que permite identificar e quantificar dimensões consideradas pela literatura como sendo importantes para o diagnóstico e planeamento de intervenções com pais e filhos, como sugerido por Teixeira, Bardagi, e Gomes (2004); segundo, porque a avaliação é feita separadamente para cada um dos progenitores, que podem apresentar características diferentes (Oliva et al., 2007) e ter um impacto singular no desenvolvimento dos filhos; terceiro, porque é baseada no relato dos filhos, o que permite ser mais objetivo, com menos efeitos da deselegibilidade social (Gonzalez et al., 1996); quarto, porque os participantes, jovens adultos, não carecem de autorização dos pais para participarem do

estudo, o que diminui a perda de testemunhos (Milevski et al., 2007).

Num momento de mudança da estrutura familiar, muitos pais e mães estão desorientados, com dúvidas sobre a forma como devem educar seus filhos. Assim, a necessidade de desenvolver programas de educação parental, promovendo modalidades eficazes de educação de crianças e adolescentes, torna-se cada vez mais evidente. A intervenção na parentalidade implica atender a implementação de práticas educativas, com o pressuposto de que os pais educam os filhos não apenas com suas estratégias educativas diretas e intencionais, mas também indiretamente, pelo ambiente que criam. Todo esforço para melhorar a qualidade das relações entre os membros da família contribuirá para a harmonia familiar e para a adaptação dos filhos à sociedade. O acesso a um instrumento de avaliação da percepção que os filhos tem do funcionamento parental validado para a população alvo torna-se um instrumento fundamental para conhecer a realidade em que se pretende intervir.

Referências

- Barber, B. K., & Harmon, E. L. (2002). Violating the self: Parental psychological control of children and adolescents. Em B. K. Barber (Ed.), *Intrusive parenting: How psychological control affects children and adolescents* (pp. 263-290). Washington: APA.
- Barbosa-Ducharme, M., Cruz, O., Marinho, S., & Grande, C. (2006). Questionário de Estilos Educativos Parentais. *Psicologia e Educação*, 5(1), 63-75.
- Baumrind, D. (1968). Authoritarian vs. authoritative parental control. *Adolescence*, 3, 255-272.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56-95. doi: 10.1177/0272431691111004
- Berge, J. M., Wall, M., Loth, K., & Neumark-Sztainer, D. (2009). Parenting style as a predictor of adolescent weight and weight-related behaviors. *Journal of Adolescent Health*, 1-8. doi: 10.1016/j.jadohealth.2009.08.004
- Bentler, P. M. (1990). Comparative fit indexes in structural models. *Psychological Bulletin*, 107, 238-246. doi: 10.1037/0033-2909.107.2.238
- Bentler, P. M. (2007). On tests and indices for evaluating structural models. *Personality and Individual Differences*, 42(5), 825-829. doi: 10.1016/j.paid.2006.09.024
- Chen, F., Curran, P. J., Bollen, K. A., Kirby, J. B., & Paxton, P. M. (2008). An empirical evaluation of the use of fixed cutoff points in RMSEA test statistics in structural equation models. *Sociological Methods and Research*, 36(4), 462-494. doi: 10.1177/0049124108314720
- Cruz, O., Raposo, J. V., Barbosa-Ducharme, M., Almeida, L., Teixeira, C., & Fernandes, H. (2011). Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP): contributos para a validação factorial da versão portuguesa das Parenting Scales. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 31(1), 157-176.
- Fan, X., & Sivo, S. (2007). Sensitivity of fit indices to model misspecification and model types. *Multivariate Behavioral Research*, 42(3), 509-529. doi: 10.1080/00273170701382864
- Galambos, N. L., Barker, E. T., & Almeida, D. M. (2013). Parents do matter: Trajectories of change in externalizing and internalizing problems in early adolescence. *Child Development*, 74(2), 578-594. doi: 10.1111/1467-8624.7402017
- Gonzalez, N. A., Cauce, A. M., & Mason, C. A. (1996). Interobserver agreement in the assessment of parental behavior and parent-adolescent conflict: African-American mothers, daughters and independent observer. *Child Development*, 67, 1483-1498. doi: 10.1111/j.1467-8624.1996.tb01809
- Jáuregui, I., Bolaños, P., & Garrido, O. (2011). Parenting styles and eating disorders. *Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing*, 18, 728-735. doi: 10.1111/j.1365-2850.2011.01723.x
- Kerr, M., & Stattin, H. (2000). What parents know, how they know it, and several forms of adolescent adjustment: Further support for a reinterpretation of monitoring? *Developmental Psychology*, 36, 366-380. doi: 10.1037/0012-1649.36.3.366
- Kerr, M., & Stattin, H. (2012). Perceived parenting style and adolescent adjustment: Revisiting directions of effects and the role of parental knowledge. *Developmental Psychology*, 48(6), 1540-1553. doi: 10.1037/a0027720
- Kobarg, A. P. R., Vieira, V., & Vieira, M. L. (2010). Validação da Escala de Lembranças sobre Práticas Parentais (EMBU). *Avaliação Psicológica*, 9(1), 77-85.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 62(5), 1049-1065. doi: 10.1111/j.1467-8624.1991.tb01588.x
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. Em P. H. Mussen (Ed.) & E. M. Hetherington (Org. Série.). *Handbook of child psychology: Socialization, personality, and social development* (Vol. 4, 4ª ed., pp. 1-101). New York: Wiley.

- Magalhães, M. O., Alvarenga, P., & Teixeira, M. A. (2012). Relação entre estilos parentais, instabilidade de metas e indecisão vocacional em adolescentes. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(1), 15-25.
- Milevski, A., Schlechter, M., Netter, S., & Keehn, D. (2007). Maternal and paternal parenting styles in adolescents: Associations with self-esteem, depression and life-satisfaction. *Journal of Child and Family Studies*, 16(1), 39-47. doi: 10.1007/s10826-006-9066-5.
- Oliva, A., Parra, A., Sanchez-Queija, I., & López, F. (2007). Estilos educativos materno y paterno: evaluación y relación con el ajuste adolescente. *Anales de Psicología*, 23(1), 49-56. doi: 10.6018/23201
- Oliveira, E. A., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravanello, T., & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 1-11. doi: 10.1590/S0102-79722002000100002
- Parra, A., Oliva, A., & Sanchez-Queija, I. (2004). Evolución y determinantes de la auto-estima durante los años adolescentes. *Anuário de Psicología*, 35(3), 331-346.
- Prata, A., Barbosa-Ducharne, M., Gonçalves, C., & Cruz, C., (2013). O impacto dos estilos educativos parentais e do desenvolvimento vocacional no rendimento escolar de adolescentes. *Análise Psicológica*, 31(3), 235-243. doi: 10.14417/S0870-8231201300030002
- Reina, M. C., Oliva, A., & Parra, A. (2010). Percepciones de autoevaluación: autoestima, autoeficacia y satisfacción vital en la adolescencia. *Psychology, Society, & Education*, 2(1), 47-59.
- Rodrigo, M. J., Maiquez, M. L., Garcia, M., Mendoza, R., Rubio, A., Martinez, A., & Martin, J. C. (2004). Relaciones padres-hijos y estilos de vida en la adolescencia. *Psicothema*, 16(2), 203-210.
- Rothrauff, T. C., Cooney, T. M., & An, J. S. (2009). Remembered parenting styles and adjustment in middle and late adulthood. *Journal of Gerontology: Social Sciences*, 64B(1), 137-146. doi: 10.1093/geronb/gbn008
- Sapienza, G., Aznar-Farias, M., & Silveira, E. F. M. (2009). Competência social e práticas educativas parentais em adolescentes com alto e baixo rendimento académico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2), 208-213. doi: 10.1590/S0102-79722009000200006
- Steiger, J. H. (1990). Structural model evaluation and modification: An interval estimation approach. *Multivariate Behavioral Research*, 25(2), 173-180. doi:10.1207/s15327906mbr2502_4
- Steinberg, L., Blatt-Eisengart, I., & Cauffman, E. (2006). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful homes: A replication in a sample of serious juvenile offenders. *Journal of Research on Adolescence*, 16(1), 47-58. doi: 10.1111/j.1532-7795.2006.00119.x
- Teixeira, M. A., Bardagi, M. P., & Gomes, W. B. (2004). Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. *Avaliação Psicológica*, 3(1), 1-12.
- Torío, S. L., Peña, J. V. C., & Rodríguez, M. C. M. (2008). Estilos educativos parentales. Revisión bibliográfica y reformulación teórica. *Teoría de la Educación. Revista Interuniversitaria*, 20, 151-178.
- Tucker, L. R., & Lewis, C. (1973). A reliability coefficient for maximum likelihood factor analysis. *Psychometrika*, 38, 1-10, doi: 10.1007/BF02291170

Recebido em fevereiro de 2014
 Reformulado em abril de 2014
 2ª reformulação em maio de 2014
 Aprovado em junho de 2014

Sobre os autores

Alice A. Freitas Pereira é Docente no ISMAI – Instituto Universitário da Maia, e doutoranda pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Trabalha em campo e investigação na área da Psicologia do Desenvolvimento, especialmente com adolescência e sexualidade.

Maria Barbosa-Ducharne é Docente auxiliar da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, com investigação na área da família, parentalidade, adoção e desenvolvimento. Investigadora responsável do GIAA - Grupo de investigação em acolhimento e adoção

Pedro M. Teixeira é Pesquisador da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, na área da psicologia e análise de dados.